

# I SEMINÁRIO INTERNACIONAL



ARQUIVOS DE MUSEUS E PESQUISA

São Paulo  
2010  
© 2010 Museu de Arte Contemporânea  
Universidade de São Paulo  
MAC USP • Rua da Praça do Relógio, 160  
05508-050 • Cidade Universitária • São Paulo • SP  
tel.: 3091 3028 • fax: 3812 0218  
www.mac.usp.br • infomac@usp.br  
Depósito Legal — Biblioteca Nacional

**Agência Brasileira do ISBN**

ISBN 978-85-7229-052-4



9 788572 290524

Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa, 1  
São Paulo, 9-10 nov. 2009. /Magalhães, Ana Gonçalves org. Anais... São Paulo:  
MAC USP, 2010.  
174 p. : il.

ISBN 978-85-7229-052-4

1. Arquivos de arte 2. Museologia 3 Museu de Arte Contemporânea da Universidade  
de São Paulo. I. Magalhães, Ana Gonçalves.

CDD - 069.52

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Lourival Gomes Machado do Museu de Arte Contemporânea da USP

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**Reitor:** João Grandino Rodas  
**Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária:** Maria Arminda do Nascimento Arruda  
**Pró-Reitoria de Graduação:** Telma Maria Tenorio Zorn  
**Pró-Reitoria de Pesquisa:** Marco Antonio Zago  
**Pró-Reitoria de Pós-Graduação:** Vahan Agopyan

Data: 9 e 10 de Novembro de 2009

Local: Auditório MAC USP  
Endereço: Rua Praça do Relógio, 160  
Cidade Universitária/Butantã  
São Paulo/SP - CEP: 05508-050  
Tel: (11) 3091-3039 / Fax: (11) 3812-0218 / www.mac.usp.br

**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP**

**Conselho Deliberativo**  
Ana Magalhães; Carmen Aranha; Cristina Freire; Eugenia Vilhena de Laurentis; Helouise Costa; Lorenzo Mammi; Luiz Claudio Mubarac; Mario Celso Ramiro de Andrade; Moacyr Ayres Novaes Filho; Rejane Elias; Tadeu Chiarelli  
**Diretoria**  
Diretor: Tadeu Chiarelli

Organização:



**PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**Conselho de Orientação Artística da Pinacoteca do Estado de São Paulo**  
Ana Maria Belluzzo; Carlos Alberto Cerqueira Lemos; José Roberto Teixeira Leite; Marilucia Botallo; Paulo Portella Filho; Regina Silveira; Ruth Sprung Tarasanchi

Apoio:



SECRETARIA DE  
ESTADO DA CULTURA

Arquivo Público do Estado  
de São Paulo



Silvana Karpinski  
Coordenadora Arquivo MAC USP

cia  
bre  
ara  
do  
ras  
nte  
to,  
cia  
nto

Antes de discorrer sobre o Arquivo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, gostaria de fazer algumas considerações.

Ao longo de minha carreira, diversas pessoas me perguntaram: "Por que se dedicar a uma área tão árida? Por que razão dedicar sua vida profissional, inclusive a acadêmica, a isso?" Após ouvir tantas pessoas falando de desafios, de soluções e também de problemas, agora tenho uma boa resposta. Relembrando as palavras da professora Ana Maria Camargo e do professor Ulpiano Bezerra de Meneses, eu diria: "Os que se dedicam aos acervos arquivísticos devem executar uma ação metodológica rigorosamente científica e, ao mesmo tempo, compreender o arquivo como um espaço de experimentação. Isso permite, de certa forma, entender por que determinados fatos e situações são selecionados para se esquecer e outros para serem lembrados".

Dessa forma, responderia aos colegas que a beleza do meu trabalho reside no desafio de buscar novas possibilidades.

Agora iniciarei minha apresentação sobre o percurso de implantação do Arquivo da Instituição; sei que haverá lacunas, porém, vou expor a essência do trabalho realizado.

A implantação do Arquivo do MAC USP teve início em 1996 e, desde o primeiro momento, ele foi concebido para servir tanto à administração do museu como também à pesquisa.

Assim, o Arquivo cuida da documentação produzida e acumulada pelo museu desde sua criação, em 1963. A partir da doação do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo à Universidade de São Paulo, foi criado o Museu de Arte Contemporânea. Com o tempo, ele se expandiu e assumiu a personalidade de um museu dedicado tanto à arte contemporânea quanto à pesquisa e ao ensino acadêmico.

Para afastar um pouco o aspecto aparentemente maçante do trabalho em um arquivo, eu trouxe uma imagem da primeira exposição do Museu de Arte Contemporânea, em 1963, chamada Pintura Contemporânea do México. Lembrando que o Arquivo está localizado na nossa primeira sede, no parque do Ibirapuera, eu divido com Adriana Villela, da Fundação Bienal, os mesmos problemas de umidade e de temperatura.

A seguir, no próximo slide, mostro uma relação dos fundos e de coleções que atualmente constituem o acervo do Arquivo. Lembro que dentre os 220 metros lineares aqui apontados, 200 são resultantes das atividades realizadas pelo Museu, e uma parte

ainda precisa ser avaliada. Inicialmente o Arquivo ficaria responsável pela documentação permanente, mas, por falta de outros espaços, recebeu também documentos de guarda temporária.

O acervo é composto por documentos textuais e iconográficos, entre outros. O controle, o acesso e a pesquisa são realizados por meio de base de dados; apesar de não serem sofisticados, atendem à necessidade. Os bancos foram criados a partir do trabalho iniciado em 1996 e servirá para criar uma nova base de dados, mas para isso precisaremos de uma assessoria especializada.

Em relação aos fundos e coleções sob a responsabilidade do Arquivo, devo dizer: essa configuração, descrita no slide anterior, resultou do trabalho de implantação do arquivo permanente, isso porque até 1996 existia um arquivo inativo, no qual era armazenada a documentação de forma desorganizada e sem qualquer instrumento de controle.

Como bem lembrou a professora Aracy Amaral<sup>1</sup>, a reestruturação do museu começou em 1982. Nesse período foi criado o setor de documentação e catalogação, que incluiu a criação de um arquivo para os documentos do acervo artístico. Nesse momento, os especialistas recuperaram do arquivo inativo, por exemplo, documentos referentes à aquisição e à doação das obras.

Porém, naquele momento, não foi criado um arquivo para responder tecnicamente pela documentação produzida e acumulada por todas as instâncias do museu. O Arquivo com essas características só foi implantado em 1996, na primeira gestão da Profa. Lisbeth Rebollo Gonçalves.<sup>2</sup>

A partir do trabalho de identificação dos documentos do arquivo inativo foi que os fundos e coleções que relatei no slide anterior puderam ser recuperados e trazidos à tona. Destaco os documentos do fundo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAMSP), que se encontravam dispersos junto à documentação produzida e acumulada pela diretoria do MAC USP. Desde então, os documentos foram selecionados, separados e reunidos, a fim de “construir”, digamos, o fundo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, que possui muitas lacunas, mas que permite entender esse processo de transição.

As outras coleções também estavam nas caixas da documentação do MAC USP, mas foi possível recuperá-las, quando entendi a forma como o Museu arquivou seus documentos.

---

<sup>1</sup> Professora Titular da Universidade de São Paulo. Diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP entre 1982 e 1986.

<sup>2</sup> Professora Titular da Universidade de São Paulo e Diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP entre 1994-1997 e 2006-2010.

Como se deu esse processo? Eu acredito que o atendimento é essencial; um arquivo vive para exercitar essa vocação. Esse atendimento o torna rico e faz o nosso trabalho ganhar sentido. Então, a metodologia de implantação seguiu três eixos: organizar, conservar e atender.

Nesta imagem, apresento a sala que utilizava para realizar o processamento dos documentos, em 1996, quando comecei a trabalhar. Ficava próxima ao depósito em que estavam armazenados os documentos inativos. A biblioteca cedeu algumas estantes e foi possível começar a transportar e identificar a documentação. Havia duas pesquisadoras — uma no final do doutorado, outra iniciando mestrado — que precisavam com urgência ter acesso a essa documentação. Apesar das dificuldades técnicas, foi possível realizar a pesquisa.

É um exemplo de como conduzi o trabalho de implantação a partir dos eixos idealizados. Estrategicamente, como pregam nossos manuais, inicialmente era necessária uma aproximação com a personalidade da instituição. Para isso, buscaram-se atos de criação, estudos sobre a história do museu, além do contato com a administração, pesquisadores, especialistas e docentes. Com a compreensão da personalidade do Museu entendem-se as atividades, as singularidades e as particularidades. A partir dessas informações, desse conhecimento, fez-se um diagnóstico da condição física em que se encontrava a documentação.

Naquele momento, como podemos ver no slide, a documentação estava em um depósito pequeno e úmido, com estantes de madeira infestadas de cupim. Nesse depósito também havia muitas caixas e sacos plásticos com documentos, além de peças de mobiliário pelo chão; quando um funcionário precisava de algum documento, ou ele o identificava pela etiqueta da caixa — quando existia essa identificação — ou procurava até encontrá-lo. O acesso, dessa forma, era restrito.

Como foi possível mudar essa realidade? Quando comecei o trabalho de diagnóstico dos documentos, as listas eram feitas manualmente, não havia computadores. Mesmo sem equipamentos, é possível fazer essa identificação, desde que haja um método. A informática facilita muito, claro, mas não é indispensável.

Era preciso mudar essa realidade. Como fazê-lo? Logo após a minha contratação, Dina Uliana,<sup>3</sup> Diretora da Biblioteca do MAC no período, me convidou para apresentar um projeto à Fundação de Apoio à Pesquisa de São Paulo (FAPESP). Ela já havia obtido recursos para

---

<sup>3</sup> Diretora da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

transformar a biblioteca do campus, mas propôs um novo projeto para enviar à FAPESP, no módulo infraestrutura de bibliotecas, com a readequação do espaço da Biblioteca do Ibirapuera e a inclusão dos equipamentos e mobiliários necessários para o Arquivo.

Como naquele momento não havia na FAPESP um módulo destinado apenas aos arquivos, apresentamos um projeto de biblioteca e um subprojeto para obter recursos para o Arquivo. Nesse momento, estabeleceu-se a cooperação e a parceria.

Mas como estabelecemos essa parceria? Havia segmentos de documentos que poderíamos compartilhar. As publicações e cartazes editados pelo Museu, sob a responsabilidade da biblioteca, também deveriam compor o acervo arquivístico, afinal comprovavam uma atividade-fim. Assim, os catálogos que a biblioteca chamava de “acervo de segurança”, não destinados à consulta, seriam repassados para o Arquivo. Além disso, acordamos que os cartazes editados pelo MAC, que se encontravam na coleção geral de cartazes da biblioteca, seriam transferidos ao Arquivo pelo mesmo motivo, porém, diferente dos catálogos, alguns exemplares eram únicos. Nesse remanejamento também foram transferidas as coleções de cartazes de artistas. Assim, houve um gerenciamento compartilhado, e esse projeto foi aprovado.

Isso nos garantiu a compra de mobiliário, de equipamentos de informática, de vídeo e de som — uma maravilha! Com todos os equipamentos, a realidade mudou e o museu destinou outro espaço, embora ainda não sendo o ideal.

Em 1998, a Profa. Dina e eu decidimos fazer outro projeto para enviar à FAPESP e, mais uma vez, a parceria foi fundamental. Quando definimos o gerenciamento compartilhado, percebemos que havia os arquivos pessoais dos artistas, que, por sua vez, remetiam muitas vezes a volumes que integravam a coleção de referência bibliográfica. Assim, após essa pesquisa, foram içadas da coleção geral as coleções pessoais que haviam sido doadas ao Museu. Essas foram incluídas para tratamento no Projeto do Arquivo, porque já havia, então, um módulo de infraestrutura para arquivos na FAPESP.

Assim, nesse projeto voltado para a conservação preventiva, incluímos as coleções pessoais. Até hoje a biblioteca mantém essas coleções separadas da coleção geral de referência, ou seja, a metodologia continua a ser aplicada.

Muitas vezes precisamos revisitar as soluções encontradas já que se adéquam a um determinado contexto. O caso das coleções pessoais é um exemplo. Assim, em um primeiro momento esses acervos pessoais foram entendidos como fundamentais para compor uma coleção geral, mas depois foram resgatados e entendidos como uma coleção pessoal.

Aqui, neste slide, mostro as soluções de embalagens. A ideia era fazer experiências. Hoje posso dizer que algumas foram bem-sucedidas, outras não. Pesquisadores reclamam de embalagens difíceis de manusear, então precisam ser repensadas, e há materiais que hoje não são considerados os melhores.

O percurso continua; em 2000, há uma reforma no Ibirapuera e, enfim, uma nova sala é destinada especialmente para o Arquivo. Nesta imagem podemos ver que o espaço é melhor para guarda da documentação, para atender o pesquisador e também para trabalhar cotidianamente. Neste slide, na foto menor, embaixo, vocês podem ver as soluções encontradas para os cartazes. É um envelope de poliéster, em três tamanhos, com separação de papel neutro, o que garante o uso das duas faces e permite a manipulação dos exemplares com segurança. Essa solução foi boa e de fácil manipulação.

Além disso, nesse projeto, previmos a fotografia e digitalização dos cartazes para criar um banco de dados que seria colocado na internet. Porém, a lei de direitos autorais, que entrou em vigor depois da execução do projeto, é extremamente proprietária e impediu essa implantação. Em um congresso sobre direitos autorais, um advogado com quem conversei me alertou sobre esse impedimento. Decidiu-se então utilizar esse banco de dados para acesso local e com a finalidade de preservar os exemplares originais, uma vez que o pesquisador só terá acesso às imagens digitalizadas.

Eu não me detive só nesses projetos — o trabalho de implantação, de rotinas e de normas continuou ao longo desses anos.

Em 2007, elaboramos um novo projeto para os documentos sonoros, pois precisávamos trocar a mídia analógica pela digital, além de redefinir o banco de dados. Infelizmente, com a verba para esse projeto, só foi possível trocar menos de 10% desses documentos. Esse projeto foi discutido com a Profa. Johanna Smit e entendo que chegamos a um bom resultado, mas ainda há aspectos que precisam ser revistos.

Como já mencionei, definimos uma série de rotinas. Porém, sempre é necessário avaliar o que está acontecendo, o que está mudando, e buscar novas soluções.

Para enriquecer esta apresentação, trouxe uma amostra de nosso acervo. Devo dizer que sou apaixonada pelo acervo do Museu e implantar o Arquivo foi e continua a ser um desafio até hoje. Para mim, as soluções precisam ser repensadas e fico imaginando se fiz o melhor. Mas existem soluções perfeitas? Este seminário me alimenta muito nesse sentido; há momentos em que me pergunto como devo tratar determinado problema. É bom saber que estou muito bem acompanhada pela plateia. Bem, vamos ver um pouco de nosso acervo.

Neste primeiro slide trouxe para vocês um documento mais tradicional, mas que menciona a criação desse Museu: é a primeira página do primeiro Livro de Atas do Conselho do Museu, de 1963.

Trouxe, também, dois exemplares de cartazes editados pelo Museu e chamo a atenção para este cartaz à minha esquerda, em que vocês vão notar que o endereço da primeira Exposição do Jovem Desenho Nacional é o da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado); isso porque, naquele momento, o espaço do Museu foi cedido para a Bienal — aliás, muitas vezes isso foi necessário.

Aqui há uma vista da exposição 6 Pesquisadores de Arte Visual, de 1966, e, neste, a vista da exposição Retrospectiva Tarsila do Amaral, de 1969.

Neste slide vemos a montagem da exposição Baravelli, Fajardo, Nader, Resende, de 1970. Agora o da Exposição Amélia Toledo, Donato Ferrari, Mira Schendel, de 1971. Estamos falando dos anos de chumbo da ditadura militar e esses artistas encontravam no Museu um espaço de expressão.

Esta imagem é da exposição Acontecimentos, que comemora o nono aniversário do MAC, em 1972. Neste slide, vemos este documento que faz parte do dossier da exposição Passeio Estético Sociológico. Vocês vão perceber que não possui uma configuração tradicional; porém, aqui, já discutimos sobre o hibridismo entre documento e obra, como tratá-lo e como processá-lo.

A professora Johanna nos deu uma grande pista hoje sobre o sentido e o significado atribuído aos documentos; porém, ela também nos alertou que não é preciso separar, segmentar a documentação, mas sim nos preocuparmos em controlar e sempre saber sua localização.

Aqui há uma foto de uma performance ocorrida na sexta exposição da Jovem Arte Contemporânea (JAC), em 1972. Além de servir para documentar a exposição, esta fotografia nos remete a um acontecimento artístico do qual só possuímos esse instante para rememorar.

Neste slide há dois documentos que pertencem ao dossiê da sexta exposição da Jovem Arte Contemporânea. São dois abaixo-assinados: um no qual os artistas reivindicam a permanência de uma obra — um pedaço de carne — e outro pedindo a volta de frangos que faziam parte de uma instalação. Nessa exposição houve um loteamento de áreas do Museu e cada artista ou grupo ficou responsável por seu lote. A carne apodreceu; os frangos escapavam do lote e invadiam outros. Houve divergências sobre o que fazer — daí os abaixo-assinados. O primeiro está na configuração mais tradicional e o segundo é um pedaço de papel rasgado. Nesse caso, os dois têm a mesma força na evidência da ação.

Neste slide apresento duas das inúmeras conferências que ocorreram no Museu. Eu gostaria de chamar atenção para o canto direito desta foto, em que podemos ver o professor Walter Zanini, o primeiro diretor do Museu. Está no primeiro banco, à direita.

Agora a oitava Jovem Arte Contemporânea, que ocorreu em 1974. Podemos ver várias pessoas em torno de um aparelho, uma televisão: estamos falando aqui de videoarte. O museu estava presente e conectado com as manifestações da arte contemporânea.

Voltando às nossas atividades de ensino, vejamos aqui uma imagem do professor Abrão Moles, em 1975...

Agora um detalhe do folder do espaço B, em que Julio Plaza apresenta seu trabalho em 1977.

Neste slide, a Performance da Marta Minujin, em 1977; neste outro, a Instalação: Projectio II, da exposição Regina Silveira, que ocorreu na exposição *Simulacros*, em 1984...

Esses projetos foram apresentados para a exposição *Arte na Rua II*. Na forma de outdoors, os projetos selecionados foram expostos em São Paulo, em Brasília e no Rio de Janeiro. Aqui, a performance de Sarkis Kaloustian, “A Modelo Nua”, em 1985.

Da exposição *Carnavalescos*, de 1987, não há nenhuma imagem no Arquivo. Eu trouxe a planta da exposição para vocês se aproximarem da proposta museográfica. Agora, um detalhe da montagem da exposição *Combogós, Latas e Sucatas*, e, ali, uma vista da exposição já aberta ao público.

Aqui temos a obra "Tapetes na Rua", especialmente pensada para a inauguração da sede na Cidade Universitária em 1992. Dei um salto no tempo, mas passaria horas mostrando o que temos, pois é muita coisa...

Eu trouxe uma foto da exposição *Mulheres Artistas: Olhares Contemporâneos*, de 2007. Trouxe esta imagem da montagem, que, além de belíssima, nos fala também de quem trabalha nos bastidores do Museu.

Agora um momento da produção da exposição *Fotógrafos da Vida Moderna*, de 2008. Nesta imagem vemos como algumas soluções tiveram de ser encontradas rapidamente pela equipe. Era preciso arrumar uma vitrine e para isso foi necessário encontrar algo para colocar no fundo. A equipe decidiu por um pano e ele precisava ser passado. Alguém conseguiu um ferro de passar roupa, na casa de um funcionário que morava perto, e tudo foi解决ado...

Esta é a foto da montagem da exposição *MAC Contemporâneo: Instalações*, com a obra da Yoko Ono, doada ao Museu no ano passado. Aqui, a imagem de um atendimento da Divisão de Educação. Este é um ateliê na exposição *Poéticas da Natureza*, de 2008. A educadora primeiro levou as crianças para o espaço expositivo, depois fez um trabalho de oficina no ateliê.

Para finalizar, trouxe duas páginas de um livro de ouro que pertence à coleção de Pola Rezende. Trata-se de um livro de impressões de visitantes da sua exposição de 1948. Devo confessar que quando vi o nome da Tarsila do Amaral entendi como os círculos se fecham e decidi trazer para vocês verem. Falamos de circulação entre artistas, falamos de troca de experiências. Os livros de registros das exposições são importantes como fontes de pesquisa, pois trazem informações que vocês podem desconhecer. O arquivo possui riquezas e potencialidades; é um espaço de experimentação e cabe aos pesquisadores trazerem isso à tona.

Finalmente, destaco as três metas que elegi para o Arquivo MAC USP, com o objetivo de continuar o trabalho estratégico já realizado. São elas: 1) estabelecer um plano de classificação para o Fundo MAC USP, concebido a partir das diretrizes do SAUSP (Sistema de Arquivos da USP); 2) definir um planejamento para reproduzir digitalmente segmentos analógicos do acervo, que apresentam problemas de acesso e conservação imediata; e 3) estabelecer protocolos internos para garantir a permanência dos documentos gerados em meio eletrônico.

Agradeço a atenção de todos.